

La Comédiathèque

Depois de nós, o dilúvio!

Jean-Pierre Martinez

comediatheque.net

**Este texto pode ser lido e descarregado gratuitamente.
Qualquer representação pública, profissional ou amadora, mesmo gratuita, requer autorização prévia e o pagamento dos respetivos direitos de autor. Solicitar autorização:
<https://jeanpierremartinez.net/pt/contato/>**

Depois de nós, o dilúvio!

Uma tragi-comédia de Jean-Pierre Martinez

Tradução pelo próprio autor

Numa Terra tornada inabitável pelo aquecimento global, a humanidade agoniza nas suas últimas horas. Dois homens e duas mulheres preparam-se para partir numa nave espacial rumo a um planeta desconhecido que poderá ser o seu último refúgio. A missão destes quatro «eleitos»: dar à humanidade uma oportunidade de sobreviver, depois de ter provocado a própria destruição pela sua loucura autodestrutiva. Mas será que a humanidade merece realmente ser salva? Nem todos estão de acordo...

Personagens:

Romeu

Julieta

Adão

Eva

Elenco: 2 homens / 2 mulheres

© La Comédiathèque

ATO I

O posto de comando de uma nave espacial chamada «A Arca» (o nome pode figurar num elemento do cenário ou nos fatos dos tripulantes). Sentada diante de uma consola eletrónica futurista com um ecrã, Julieta está ocupada com misteriosas operações: ajustes, verificações, medições... Entra Romeu.

Romeu – Que diz a previsão do tempo?

Julieta – O vento continua muito forte à superfície do oceano. Descolar agora seria um suicídio.

Romeu – Estou a ver... Mas a temperatura não para de subir. A água já está a ferver mesmo por cima das nossas cabeças. Se esperarmos demasiado, o sistema de refrigeração não vai aguentar.

Julieta – Já está um calor de morrer... Mais alguma coisa?

Romeu – Detetei uma fuga no silo de lançamento. O betão tem uma fenda com mais de dez metros e a água está a entrar por ali. Se a parede ceder de repente, vamos acabar como lagostas mergulhadas numa panela de água a ferver.

Julieta – Prevê-se uma acalmia daqui a cinco ou seis horas. Temos de aguentar até lá. Não há alternativa...

Romeu – Está bem. Entretanto, vou vigiar aquela fenda.

Julieta – Infelizmente, não há mais nada que possamos fazer por enquanto... (*Afasta-se dos instrumentos e levanta-se.*) Como é que chegámos a este ponto...?

Romeu – Não sei.

Julieta – Não estava propriamente à espera de uma resposta.

Romeu – Eu sei...

Julieta – Achas que somos os últimos? Tirando os nossos dois companheiros, claro...

Romeu – Segundo as imagens enviadas ontem pelos últimos satélites ainda operacionais, já não resta terra emersa à superfície do planeta.

Julieta – Então é isso... A Terra transformou-se num único oceano...

Romeu – A temperatura do ar atinge várias centenas de graus. Nem os que conseguiram embarcar num barco podem sobreviver muito tempo nestas condições.

Julieta – Talvez alguns submarinos nucleares, durante um mês ou dois...

Romeu – Mas, ao contrário de nós, não têm a possibilidade de descolar rumo a outro planeta para fugir deste inferno.

Julieta – A Terra era um paraíso. Fomos nós que criámos este inferno.

Romeu – Nem um pedaço de gelo... Nem uma gota de água doce... Nem um palmo de terra onde pôr os pés... E a temperatura continua a subir. O processo está em marcha. Desta vez é irreversível...

Julieta – Tínhamos de ter travado esta máquina infernal enquanto era tempo.

Romeu – Sim... mas agora é tarde demais. Temos de pensar no futuro...

Julieta – O futuro?

Romeu – Quer queiramos, quer não, é o fim do nosso mundo. A única coisa que nos resta é tentar salvar a pele.

Julieta – Provocámos a extinção de todos os animais que viviam neste planeta. Agora chegou a nossa vez. Somos os últimos exemplares de uma espécie em vias de extinção. E, se morrermos sem descendência, a humanidade morrerá connosco.

Romeu – «A Arca»... Pelo menos mantiveram o sentido de humor até ao fim...

Julieta – Sinto-me como um dos animais que Noé levou na arca, fechados em jaulas...

Romeu – Resta saber se seremos capazes de nos reproduzir em cativeiro...

Julieta – E, sobretudo, se encontraremos uma nova terra onde lançar as bases de uma civilização. Acreditas mesmo nisso?

Entra Eva.

Eva – Não temos escolha. Temos de acreditar. O Y214 é o único planeta potencialmente habitável ao alcance desta nave. Isto se conseguirmos descolar, claro...

Julieta – Está a passar outro furacão mesmo por cima de nós. Dentro de algumas horas teremos uma janela de lançamento.

Eva – Dois homens e duas mulheres para salvar a humanidade...

Julieta – Parece um reality show.

Eva – É curioso... Fomos escolhidos por sorteio entre milhares de candidatos. Porque é que não sinto que ter chegado à final seja uma sorte?

Romeu – Achas que a Arca nos consegue levar até lá?

Eva – Como é que hei de saber? Nunca se fez nada assim. Este foguetão é um protótipo, equipado com motores de uma tecnologia completamente nova, que supostamente nos permite viajar à velocidade da luz.

Julieta – Mas esta tecnologia revolucionária nunca foi testada em condições reais.

Romeu – Nunca enviámos uma nave tripulada tão longe. Os voos tripulados foram abandonados há anos.

Eva – Não davam lucro suficiente.

Julieta – E há ainda a questão de uma hibernação tão prolongada. Será que o nosso organismo vai resistir? As experiências anteriores duraram, no máximo, um ou dois meses. Agora estamos a falar de mais de dez mil anos.

Eva – Sim, em teoria é possível. Mas nem sequer sei se quero que resulte.

Romeu – Pois eu quero... É a nossa única hipótese de sobreviver. Mesmo que seja pequena, não tenciono desperdiçá-la.

Eva – Pois...

Romeu – Julieta?

Julieta – É tudo o que nos resta. Mais vale agarrarmo-nos a esta esperança. Caso contrário, só nos resta deixar-nos morrer.

Eva – Pergunto-me se não seria melhor. Pelo menos seria mais simples.

Romeu – Vá lá, Eva, recompõe-te. Vamos precisar de todos para levar esta arca a bom porto.

Julieta – E foi por isso que nos escolheram, não foi? Temos uma missão!

Eva – Salvar a humanidade...

Entra Adão.

Adão – Mas será que a humanidade merece ser salva?

Romeu – Ora essa... Desculpa, Adão, mas eu só quero salvar a pele. Por isso, as discussões filosóficas...

Adão – Se a humanidade se tivesse preocupado um pouco mais com a filosofia do que com o lucro, não estaríamos nesta situação... Foi por egoísmo e ganância que o ser humano serrou o ramo onde estava sentado.

Eva – E depois abateu a árvore inteira, e a floresta toda, para fazer pasta de papel.

Adão – Com a consciência tranquila, porque esse papel, supostamente, seria reciclado.

Romeu – Está bem, mas depois de dizermos isso, fazemos o quê? Se não descolarmos até esta noite, morremos todos. Porque não tentamos a sorte noutro lugar?

Adão – E achas mesmo que isso é uma oportunidade? Para quem? De certeza que não é para o planeta que nos propomos colonizar.

Romeu – É uma oportunidade para nós os quatro. A última. E não temos tempo a perder com conversas inúteis.

Eva – Por enquanto, infelizmente... além de esperar que o vento acalme, não há mais nada a fazer.

Silêncio.

Romeu – Muito bem, então vamos a isso! Vamos conversar um pouco... Para nos conhecermos melhor. Já não há ninguém na Terra para além de nós, por isso convém que nos entendamos, não acham? (*Pausa.*) A propósito: Adão e Eva, Romeu e Julieta... São nomes de código, não são? A estas alturas podíamos usar os nossos nomes verdadeiros. Eu chamo-me mesmo Romeu. E vocês? Como se chamam?

Pausa.

Julietta – Eu chamo-me mesmo Julietta.

Os outros dois mantêm-se calados.

Romeu – Não? Isso também foi coincidência? Pois tomo-o como um sinal... Adão e Eva, Romeu e Julietta... A mim parece-me bem. (*Lança um olhar sugestivo a Julietta.*) Ofereço-me para repovoar este novo planeta.

Adão – Pois... Com um tipo destes, o planeta está tramado...

Romeu lança-lhe um olhar furioso.

Romeu – Calma lá! Tenho sentido de humor, mas há limites.

Avança ameaçadoramente, mas Adão faz-lhe frente.

Adão – Até ao momento em que os outros começam a fazer piadas? Só achas graça às tuas próprias piadas de merda, é isso?

Julietta interpõe-se.

Julietta – Vá lá, meninos, menos testosterona! Mesmo que consigamos chegar a esse planeta e seja habitável, não vamos para uma ilha de encontros amorosos. Vamos ter mais do que fazer para sobreviver, dia após dia, num mundo completamente desconhecido.

Eva – Concordo com a Julietta. Na Terra, tudo parecia simples porque milhares de gerações nos transmitiram a sua experiência: quais as plantas comestíveis e as venenosas, os animais inofensivos e os perigosos, as regiões hospitaleiras e as inabitáveis...

Julietta – Teremos de aprender tudo de novo. O perigo estará em toda a parte. Cada passo será um salto para o desconhecido. E, sendo apenas quatro, não teremos margem para errar.

Eva – Fomos escolhidos pelas nossas competências em medicina, aeronáutica, astrofísica, biologia... Mas de que nos servirá tudo isso num mundo novo e talvez hostil?

Romeu – Temos conhecimentos. Não começamos do zero. Não somos homens das cavernas.

Eva – Os nossos conhecimentos são puramente teóricos. De que nos servirá saber como funciona um carro, um computador ou um telefone, quando já não existir indústria capaz de os fabricar?

Julietta – Teremos de recomeçar do zero. Aprender a construir uma cabana, a caçar com arco, a fazer fogo com duas pedras, a iluminar-nos com uma tocha...

Adão – E os homens pré-históricos sabiam muito mais do que nós sobre essas coisas.

Eva – Ao fim de duas ou três gerações, as nossas belas recordações do mundo antigo, já sem qualquer utilidade, transformar-se-ão em histórias fabulosas que os nossos descendentes acabarão por esquecer.

Adão – Ou então hão de deformá-las e embelezá-las até fazerem delas uma nova Bíblia.

Julietta – Adão e Eva... É verdade que é tentador...

Pausa.

Romeu – Muito bem, então vamos fazer de Robinson Crusoé. É o sonho de todas as crianças, não é?

Eva – Sim... mas a ilha de Robinson ficava na Terra.

Romeu – Pelo menos não vou ter de ir para a cama com o Sexta-Feira. Se a ideia é perpetuar a espécie... Dois homens e duas mulheres, são pelo menos duas possibilidades, não são?

Desta vez, é a Eva que Romeu lança um olhar sugestivo.

Eva – Se não mudas de conversa, vais acabar por passar o resto da vida a satisfazer-te sozinho. As tuas técnicas de sedução precisam urgentemente de uma atualização.

Romeu – Está bem. Então falamos de quê?

Julietta – Se reduzirmos a história da Terra a vinte e quatro horas, o ser humano apareceu dois minutos antes da meia-noite. E, nesses dois minutos, conseguiu tornar o planeta inabitável. Não merece que pensem um instante nisso?

Romeu – Mais cedo ou mais tarde, a Terra tornar-se-ia inabitável. É inevitável, quando o Sol chegar ao fim da sua vida.

Adão – Sim, mas isso só acontecerá daqui a milhares de milhões de anos. A humanidade teria morrido de velhice. Aqui trata-se de um suicídio coletivo. O Homo sapiens tinha apenas trezentos mil anos. Os dinossauros dominaram a Terra durante quase cento e sessenta e cinco milhões de anos!

Eva – E não foram eles que provocaram a própria extinção, destruindo meticulosamente o planeta.

Julietta – E, em milhares de milhões de anos, teríamos tido tempo de nos preparar. De organizar a mudança. Agora estamos como os náufragos da Jangada da Medusa.

Eva – E já começámos a engalfinhar-nos uns com os outros...

Julietta – Temos mesmo a certeza absoluta quanto ao Y214?

Eva – Absoluta, não. Em teoria, é um planeta gémeo da Terra, com características quase idênticas.

Julietta – Em teoria... Mas ninguém nunca foi verificar.

Adão – E mesmo que esta nave funcione perfeitamente, a viagem até esse possível refúgio será longa e cheia de incertezas.

Eva – Podemos colidir com um asteroide a qualquer momento.

Romeu – Nada é garantido até lá chegarmos, claro. Mas, à partida, todos os sinais são favoráveis, não são?

Pausa.

Adão – E se esse planeta habitável já estiver habitado?

Julieta – Habitado?

Eva – Por seres inteligentes.

Romeu – Se estiver, será provavelmente por uma civilização primitiva. Não detetámos sinais de uma civilização avançada: ondas de rádio, satélites artificiais, grandes cidades que emitam luz ou calor...

Adão – Se calhar são ambientalistas...

Romeu – Ou selvagens.

Adão – Selvagens?

Eva – Basta pensar no que os espanhóis fizeram aos incas quando chegaram à América... Sim, talvez haja uma hipótese de salvação. Mas a que preço? Concorde com Adão: temos de perguntar se a espécie humana merece ser salva.

Adão – Impedir que seja salva seria prestar um serviço ao mundo.

Os outros três olham-no, preocupados.

Romeu – O que queres dizer, concretamente?

Adão – Hoje, a humanidade é como uma planta prestes a morrer. Antes do fim, para perpetuar a espécie, espalha o pólen pelo espaço, na esperança de colonizar outra terra depois de esgotar a sua.

Romeu – Se agora começamos com metáforas...

Adão – Mas esta planta é tóxica e nós somos as suas sementes daninhas.

Julieta – Que propões, afinal?

Adão – Impedir esta polinização maléfica. O futuro da humanidade está nas nossas mãos. Podemos pôr-lhe um fim. E seria um ato de grandeza escolhermos fazê-lo conscientemente.

Um silêncio de morte.

Romeu – Escolheram quatro pessoas e tinha de nos calhar um fanático! (*Procura com o olhar o apoio de Julieta e Eva.*) E vocês, o que acham? Também querem um suicídio coletivo?

Eva – O suicídio coletivo... Esse já aconteceu, não foi?

Romeu – Muito bem, já são dois membros da seita. E tu, Julieta?

Julieta – Pois... Não se pode dizer que o balanço da humanidade seja muito favorável. Mas aceitar morrer sem tentar nada... talvez seja um bocadinho radical, não?

Eva – A humanidade é como uma colónia de térmitas. Instala-se numa casa, devora-lhe a estrutura e muda-se quando está prestes a desabar.

Romeu – Bom, para falar claro, porque não sou dado a metáforas, estou-me nas tintas para a humanidade. Quero é salvar a pele.

Adão – Não é assim tão simples. Ao salvares a tua pele, arriskas-te também a salvar a humanidade.

Romeu – Então que fazemos? Votamos? Suicidamo-nos ou tentamos sobreviver? *(Levanta a mão.)* Eu voto por tentar a sorte. Quem mais?

Julieta levanta a mão.

Julieta – Eu sou pela vida. Custe o que custar. E sim, tenho medo de morrer.

Romeu – Eva?

Eva – Sinceramente, com as hipóteses de sucesso desta missão, pergunto-me se valerá a pena. Porque não aceitamos o nosso destino e morremos com os outros? Pelo menos ficaríamos a descansar no nosso planeta, junto dos nossos...

Adão – Também é essa a minha opinião. Que o berço da humanidade seja também o seu caixão.

Romeu – Está bem. Dois votos contra dois... Estamos bem arrançados... Mas, se querem assim tanto morrer, são livres. Basta ficarem aqui. A escotilha de saída é mesmo ali.

Julieta – Será muito mais difícil manobrar a nave apenas com duas pessoas. Isso diminuirá ainda mais as nossas hipóteses de sobreviver. Para não falar das da humanidade, claro...

Adão – Não se trata de salvar quatro vidas ou duas. Trata-se de pôr um fim definitivo à história da humanidade.

Romeu – Espera, Adão, há uma coisa que não percebo... Fomos sorteados entre cientistas para dar à humanidade uma hipótese de sobreviver. Se querias morrer com os outros, porque é que te voluntariaste?

Adão – Precisamente para impedir que este cancro espalhe as suas metástases pelo universo.

Romeu – Portanto, mentiste. És um traidor. Um infiltrado. Uma toupeira do campo derrotista. E és tu que nos dás lições de moral?

Adão – Assumo essa mentira. Os fins justificam os meios.

Romeu – Muito bem... *(Em tom de desafio.)* Mas tens a certeza de que dispões dos meios?

Os dois homens preparam-se para se enfrentar de novo, mas Julieta volta a interpor-se.

Julieta – Não vamos começar à pancada... Mas concordo com Romeu numa coisa. E se nós quisermos viver? Vais decidir por nós? O que vais fazer? Matar-nos?

Romeu – Pelo pouco que o conheço, imagino que pensa numa coisa ainda mais retorcida. Numa sabotagem, por exemplo. E se foi ele quem provocou a fenda no silo?

Eva – Que fissura?

Romeu – Éramos só quatro e tinha de nos calhar um maldito terrorista!

Julieta – É assim que queres salvar o mundo, Adão? Tornando-te um criminoso?

Adão – Preferia convencer-vos... Mas, se não conseguir, assumirei as minhas responsabilidades e prestarei contas à minha consciência.

Julieta – E tu, Eva?

Eva – Não. Só decidirei por mim. Não me julgo Deus. Que aqueles que querem viver tenham liberdade para o fazer. Cabe-lhes decidir se vale a pena...

Julieta aproxima-se da consola.

Romeu – Alguma novidade?

Julieta – A previsão mudou um pouco. O vento já está a perder força. Daqui a três horas haverá uma pequena acalmia.

Romeu – É agora ou nunca. Vai haver uma janela de lançamento, e será a última. Só temos tempo de preparar a descolagem. Quem não está comigo está contra mim.

Romeu enfrenta Adão com o olhar. Adão e Eva saem, sem que se saiba se vão preparar a partida ou manifestar a sua oposição. Romeu e Julieta trocam um olhar preocupado.

Romeu – Não confio neles...

Julieta – A Eva não fará nada contra nós. Mas ele...

Romeu – Achas que ele seria capaz de sabotar a Arca?

Julieta – É um idealista. É capaz de tudo.

Romeu – Nesse caso, não temos escolha.

Julieta – Como assim?

Romeu – Ou eles ou nós.

Julieta – Não. Nem pensar.

Romeu – Lembro-te de que temos uma missão.

Julieta – Mas já não temos contas a prestar a ninguém. A não ser a nós próprios.

Romeu – Temos uma responsabilidade moral. Comprometemo-nos a salvar a humanidade. Foi para isso que nos deixaram viver, enquanto os outros já morreram todos.

Julieta – Uma responsabilidade moral? Não me faças rir! Ainda há pouco dizias que só querias salvar a pele...

Romeu – Eu, talvez. Mas e tu? Também és uma idealista. Até onde estás disposta a ir para dar uma oportunidade à humanidade?

Julieta – Até matar, não.

Romeu – Posso tratar disso. Não me importo de fazer o trabalho sujo. Estou habituado...

Julieta – Mas se te deixar fazê-lo, torno-me cúmplice.

Julieta olha para os instrumentos.

Romeu – Há algum problema?

Julieta – Um curto-circuito na sala dos propulsores... Não consigo ligar o reator número três.

Romeu – Precisamos de toda a potência para vencer a atração da Terra... Dá para reparar?

Julieta – Talvez, mas temos de nos despachar, senão perdemos a janela de lançamento.

Romeu – E se foi ele?

Julieta – Também pode ser uma simples avaria técnica...

Romeu – Não precisamos de os matar. Podemos simplesmente... neutralizá-los.

Julieta – Neutralizá-los?

Romeu – Um bom sonífero, e metemo-los nas câmaras de hibernação um bocadinho mais cedo. Ao menos deixam-nos em paz durante uns milhares de anos.

Julieta – E como é que os fazes tomar o sonífero? À força?

Romeu – Ainda há uma garrafa de champanhe rasca no frigorífico. Podíamos bebê-la para celebrar a nossa grande reconciliação... A partida... ou o suicídio coletivo?

Julieta parece hesitar.

Julieta – Está bem... Mas primeiro trata do curto-circuito.

Romeu – Vou ver o que consigo fazer...

Ele sai. Julieta ocupa-se dos comandos. Eva regressa.

Eva – Acabei de me cruzar com o Romeu. Já sei da avaria.

Julieta – E, claro, não tiveste nada a ver com isso.

Eva – Já te disse que não. Não farei nada para comprometer a missão. Mas, se um acidente nos impedir de partir, ficamos com os problemas todos resolvidos...

Julieta – E Adão?

Eva – O quê?

Julieta – Achas que ele seria capaz de sabotar a nave?

Eva – Não sei... mas consigo compreendê-lo.

Julieta – Realmente, és muito... compreensiva com ele. Cuidado, Eva. Temos uma missão. Não podemos deixar que os sentimentos interfiram nas nossas decisões.

Eva – Estás com ciúmes?

Julieta – Não. Mas vais ter de escolher um lado. Estás connosco ou contra nós?

Adão regressa.

Adão – Portanto, chegámos a este ponto?

Julieta – De certa maneira, foste tu que quiseste que as coisas chegassem aqui, não?

Adão – Não encaro isto como uma questão pessoal, se é isso que queres dizer.

Encaram-se.

Eva – Uma questão pessoal? O que quer isso dizer? Vocês já se conheciam antes de embarcar nesta nave?

Um silêncio embaraçado.

Julieta – Vou fazer-te esta pergunta uma única vez, Adão, e não porei a tua resposta em dúvida. Foste tu que provocaste o curto-circuito?

Adão – Não.

Julieta – Está bem. Para mim chega.

Adão – Mas isso não significa que não venha a opor-me à partida, de uma forma ou de outra.

Eva parece pouco à vontade.

Eva – Vou dar uma ajuda ao Romeu. Assim será mais rápido.

Ela sai.

Julieta – Sabias que eu viria nesta viagem?

Adão – Não. Não tinha a certeza. Mas já éramos tão poucos que havia essa possibilidade. Vi o teu nome na lista de candidatos. Do ponto de vista científico, tinhas todas as qualificações necessárias. E eras muito próxima dos militares que então nos governavam...

Julieta – Não me digas que fizeste tudo isto para te vingares de mim. Que estarias disposto a sacrificar toda a humanidade só para me veres morrer.

Adão – Amei-te, é verdade. Apaixonadamente. E tu não mudaste nada.

Julieta – Obrigada.

Adão – Não era um elogio. O teu ego continua... desmedido.

Julieta – Acho que, nos homens, a isso se chama ambição. E é considerado uma qualidade.

Adão – Tens razão. Aliás, é curioso...

Julieta – O quê?

Adão – Todos esses preconceitos que a sociedade nos impôs. O sexismo, entre outros. Agora que a sociedade desapareceu, deixaram de fazer sentido.

Julieta – Infelizmente, enquanto houver um machista, o machismo não terá acabado.

Adão – Tens razão. O verme já está dentro da fruta. Mais cedo ou mais tarde acaba por devorá-la por dentro. Está nos nossos genes.

Julieta – Portanto, achas que o ser humano é fundamentalmente mau?

Adão – Já o demonstrou, não?

Julieta – Alguns homens, talvez. Nem todos.

Adão – Hitler, Pol Pot, Donald Trump...

Julieta – Mozart, Picasso, Bob Dylan...

Adão – Em determinadas circunstâncias, qualquer ser humano é capaz do pior.

Julieta – Ou do melhor... Se Hitler tivesse passado no exame de admissão à Academia de Belas-Artes de Viena, talvez a história do mundo tivesse sido diferente.

Adão – Mas a humanidade acabaria por transformar a Terra num gigantesco campo de extermínio.

Julieta – Tenho pena de ti, Adão. Como é possível alguém odiar-se tanto?

Adão aproxima-se dela.

Adão – Se me tivesses amado, talvez eu tivesse aprendido a gostar um pouco de mim.

Julieta – Ah, então a culpa é minha... O fim do mundo, tudo isto... Afinal, é por minha causa.

Adão – Talvez. Não apenas por tua causa, evidentemente, mas por pessoas como tu.

Julieta – Pessoas como eu?

Adão – Pessoas que, durante séculos, resolveram viver despreocupadas e levaram o planeta à ruína.

Julieta – Muito bem. Então tu és puro, é isso? Sempre viveste atormentado, é verdade. Mas, Adão, vale a pena viver sem um pouco de despreocupação? Foste ao menos feliz, fechado na tua torre de marfim? Não digo feliz a vida toda. Falo daqueles pequenos prazeres que, de vez em quando, tornam a vida suportável. Alguma vez foste feliz, Adão?

Adão – Não sei... Talvez durante os poucos meses que passei contigo.

Julieta aproxima-se dele.

Julieta – Eu também te amei. Talvez ainda mais do que tu alguma vez me amaste. Mas a nossa relação não podia resultar.

Adão – Porque não?

Julieta – Precisamente por isto. Aquilo que ainda hoje nos separa. Preciso de acreditar em alguma coisa, mesmo contra todas as evidências. Preciso de leveza. E tu... nunca conseguirás escapar à gravidade. *(Estão prestes a beijar-se, mas ela recompõe-se.)* Porque não me ajudas a fazer este foguetão descolar?

Ele hesita.

Adão – Desculpa, mas não... Não participo nisso.

Julieta – Então peço-te solenemente que não faças nada para o impedir.

Ele sai sem responder, cruzando-se com Romeu, que regressa. Trocam um olhar desconfiado.

Romeu – Já está reparado. Felizmente não era nada de grave. Desta vez...

Julieta – O Adão jurou-me que não teve nada a ver com isto.

Romeu – Pode estar a mentir.

Julieta – Não me parece.

Romeu – Como podes ter a certeza?

Julieta – Tenho as minhas razões...

Romeu – Ele está apaixonado por ti, não está?

Julieta – Isso não é da tua conta. Como está a fuga de água no silo?

Romeu – Não está a melhorar, mas ainda deve aguentar mais duas ou três horas.

Julieta – Pareces preocupado. Há mais alguma coisa, para além do foguetão, que nos possa impedir de partir?

Romeu – Nenhum animal marinho resistiu à temperatura. Estão todos mortos, com os corpos a flutuar à superfície. Nalguns sítios, formam uma camada com dezenas de metros de espessura. E há todos os destroços arrastados pelo oceano quando as terras ficaram submersas: autocarros, carros, contentores, troncos de árvores, animais, seres humanos... Teremos de atravessar esta muralha de lixo e carne em decomposição para chegar à superfície.

Julieta – A estrutura do foguetão não vai resistir. Que propões?

Romeu – Imediatamente antes da descolagem, vou lançar um míssil para tentar abrir um buraco nessa muralha que nos separa da superfície.

Julieta – Temos mísseis?

Romeu – Lembro-te de que este programa foi criado pelos militares.

Julieta – Mas... para quê os mísseis?

Romeu – Para o caso de os habitantes do planeta que vamos colonizar não serem tão acolhedores como esperamos.

Julieta – Estou a ver... Não sabia. E os outros dois? Sabem?

Romeu – Só eu sabia. Até agora.

Julieta – É melhor que continuem sem saber...

Romeu – Também acho.

Julieta – Pelos vistos sabes muita coisa que nós desconhecemos... Quem te contou tudo isso? Afinal, és um civil como nós. (*Romeu não responde e parece embaraçado.*) Ou não és?

Romeu – Era militar. Coronel. Desde a morte accidental do general que devia acompanhar-nos nesta missão e pilotar a nave, sou eu quem representa aqui o governo militar.

Julieta – O governo... Onde está agora esse governo mundial? Uns quantos generais senis, nomeados para nos conduzir ao precipício, mas em filas de dois, a marchar a passo certo e de boca fechada...

Romeu – Ainda havia alguns resistentes. E tu não eras uma deles.

Julieta – Como sabes?

Romeu – Estava numa posição privilegiada para o saber...

Julieta – Estou a perceber... Fazias parte da polícia política, não é? Resumindo, também és um infiltrado.

Romeu – Isso são histórias. Hoje estou aqui, quer gostes, quer não.

Julieta – Sim... no lugar desse general. Já agora, o que aconteceu ao pobre homem? Não terás tido alguma coisa a ver com a morte dele, para lhe ficares com o lugar nesta arca de Noé?

Romeu – Agora isso já não tem importância.

Pausa.

Julieta – Ao menos sabes lançar um míssil, coronel?

Romeu – Nunca servi numa unidade de combate. Mas não deve ser assim tão complicado.

Julieta – Portanto, não estás aqui pelas tuas competências científicas. Na verdade, és o único dos quatro que não tem nenhuma competência especial.

Romeu – Sou jeitoso a fazer reparações e tenho tomates. O marido ideal, não é? E vocês próprios disseram: para sobreviver e reproduzir-nos num meio hostil, isso há de ser tão útil como um doutoramento em astrofísica.

Romeu ocupa-se dos comandos.

Julieta – Achas que o teu míssil consegue abrir-nos caminho para as estrelas através deste cemitério que temos por cima da cabeça?

Romeu – Logo veremos. Tens outra ideia?

Julieta – Não.

Romeu – Então vá, faz este maldito foguetão descolar!

Julieta (*ironicamente*) – Às suas ordens, coronel... Vou iniciar a lista de verificações. Depois podemos começar a contagem decrescente. Vou à cabina de cima. Podes pedir à

Eva que venha substituir-me? É preciso continuar a vigiar o tempo... e o nível da água no silo.

Romeu – Achas que podemos confiar nela?

Julieta – Assumo essa responsabilidade.

Romeu – Vou chamá-la.

Ele sai. Julietta ocupa-se por momentos dos instrumentos. Eva regressa.

Julietta – Obrigada. Precisamos da tua ajuda para fazer descolar esta coisa. Sou bióloga, não piloto de foguetões. Nem sequer tenho carta de condução.

Eva – A boa notícia é que, para onde vamos, provavelmente já não vais precisar dela. Mesmo que consigamos voltar a construir um carro e uma estrada, não haverá polícias para passar multas.

Julietta – O fim do mundo tinha de ter algumas vantagens...

Eva – Algum problema?

Julietta – À frente do Romeu fiz de conta que sabia do que estava a falar, com expressões como «lista de verificações» e «contagem decrescente». Mas a verdade é que não faço a menor ideia de como pôr este foguetão a andar. E tu?

Eva – Só tive umas horas de formação, como tu, pouco antes de o centro espacial ficar submerso. Mas... consegui salvar o manual de bordo.

Tira um pequeno manual do bolso.

Julietta – Se temos o manual de instruções, então estamos salvos. E a humanidade também. Espero que seja mais simples do que as instruções de montagem daqueles móveis vendidos em peças...

Sentam-se lado a lado e começam a experimentar os comandos, consultando de vez em quando o manual.

Eva – Acho que percebi o essencial. Afinal, não parece assim tão complicado.

Julietta – Pois, foi isso que o Romeu me disse...

Eva – Sobre o quê?

Julietta – Já nem sei... Está bem, confio em ti. Posso deixar-te sozinha um instante? Tenho de ir lá acima.

Eva – Os outros dois já estão na cabina de cima. Achas que precisam de ti?

Julietta – Não... Mas preciso de fazer chichi.

Eva – Está bem. Vai lá fazer chichi e depois salvamos o mundo. Antes disso, posso fazer-te uma pergunta?

Julietta – Sim, mas depressa... Já te disse que é urgente.

Eva – Se o Adão tivesse uma relação comigo, importavas-te?

Julieta – Se isso o convencesse a não se opor à missão, até te incentivava.

Eva – Mas assim ficavas sozinha com o Romeu...

Julieta – Vendo bem, isso é verdade... O Romeu é um idiota. Talvez até um canalha. Mas pelo menos está vivo.

Eva – É engraçado... Basta sermos os últimos quatro seres humanos da Terra para começarmos a ser muito mais tolerantes com os defeitos dos outros.

Julieta – Agora tenho mesmo de ir fazer chichi.

Julieta sai. Adão regressa.

Adão – Então, mudaste de lado?

Eva – Não estou em guerra contigo, Adão. Partilho a tua análise. A humanidade talvez não mereça sobreviver. Mas os homens...

Adão – Que diferença fazes entre uma coisa e outra?

Eva – Tal como tu, detesto os piores crimes cometidos pela humanidade. Mas não consigo deixar de gostar de certos homens... De ti, por exemplo.

Ele parece um pouco desconcertado.

Adão – Não sou o homem certo para ti, acredita.

Eva – Sempre gostei de causas perdidas...

Adão – Mereces alguém melhor do que eu, garanto-te.

Eva – Claro que mereço alguém melhor do que tu! Mas achas que ainda tenho escolha? Ou és tu ou é o Romeu...

Adão – Visto assim...

Eva – A Julieta é tua ex?

Adão – Quem?

Eva – A Julieta! Só restam duas outras pessoas na Terra além de nós. A menos que prefiras homens... O que diminuiria ainda mais as hipóteses de sobrevivência da espécie humana.

Adão – Tivemos... uma aventura.

Eva – E não correu bem...

Adão – Na altura eu era casado, mas não com ela... E ela achava-me demasiado intransigente.

Eva – Pois...

Adão – Foi ela que resolveu pôr fim à nossa... aventura.

Eva – Uma aventura? Sempre achei engraçado usar essa palavra para uma história de amor. Imagino um casal na selva, a abrir caminho com uma catana, a fugir de todos os perigos, até encontrar um tesouro enterrado numa pirâmide inca.

Adão – Quando, na maioria dos casos, se se trata de adultério, a aventura resume-se a alugar pela Internet um quarto num hotel manhoso, onde se possa pagar em dinheiro.

Eva aproxima-se dele.

Eva – Se o amor é uma aventura? Não sei... Contigo, de certeza.

Adão – Se a nossa história de amor começasse nesse planeta desconhecido, talvez fosse como a que descreves. Eu Tarzan, tu Jane. Mas não tenho propriamente perfil para fazer de Tarzan...

Eva – Portanto, ainda admites a hipótese de ter uma aventura comigo...

Adão – Penso sobretudo em pôr fim a tudo isto. Mas, se acabarmos por sair daqui... A Julieta e eu já não temos nada. Como dizes, sendo apenas quatro, as possibilidades não são muitas.

Eva – Estou comovida. Que romantismo...

Adão – A nossa missão é reproduzirmo-nos, não é?

Eva – Se é uma obrigação... contento-me com isso.

Eva abraça-o. Julieta regressa.

Julieta – Espero não estar a interromper o princípio de alguma coisa...

Eva recompõe-se.

Eva – Prevê-se que as condições meteorológicas sejam ideais daqui a exatamente duas horas.

Julieta – Aconselho-vos a dormir um pouco. Vamos precisar de todos para descolar esta máquina.

Adão – Preferes que estejamos a dormir, não é?

Julieta – Prometo que não vou aproveitar a ocasião. Para vos matar aos dois, quero eu dizer...

Julieta sai. Eva volta a aproximar-se de Adão.

Eva – Pode ser a última vez, Adão. A nossa última noite na Terra. A última oportunidade para um homem e uma mulher mostrarem que o amor é mais forte do que tudo.

Adão – Porque é que tenho vontade de acreditar em ti?

Eva – Eros e Tânatos andam sempre de mãos dadas. Dizem que a perspetiva da morte desperta o desejo sexual.

Adão – Dizem até que certos enforcados têm uma ereção enquanto baloiçam na ponta da corda.

Eva – Sabes mesmo como falar com as mulheres... E ainda te admiras de a Julieta te ter deixado?

Eva pega-lhe na mão e saem os dois. Escuro.

ATO II

Romeu e Julieta estão nos respetivos postos de comando, ocupados com os instrumentos.

Julieta – Da minha parte, todos os parâmetros estão corretos.

Romeu – Da minha também. E já não podemos esperar. A parede do silo está prestes a ceder. A água sobe de minuto a minuto. Já chegou à base do foguetão. Temos de iniciar a contagem decrescente.

Julieta – Não devíamos acordá-los primeiro?

Romeu – Para voltarmos àquelas discussões intermináveis? Demos-lhes a oportunidade de abandonar a Arca. Agora, queiram ou não, vêm connosco.

Julieta – Está bem. Vou ativar o protocolo. *(Faz algumas operações.)* Pronto... Faltam dez minutos para a descolagem.

Romeu – Vou lançar o míssil para abrir passagem por esta montanha de lixo.

Julieta – Esta «montanha de lixo», como lhe chamas, também é formada pelo que resta de toda a humanidade.

Romeu – Sim, foi o que eu disse.

Julieta – Força.

Romeu está ao comando, sob o olhar preocupado de Julieta.

Romeu – Vamos a isso. Impacto daqui a alguns minutos.

Julieta – Está bem.

Romeu – Vais rir-te, mas não tinha a certeza de saber disparar este míssil.

Julieta – Também vais rir-te, mas eu não tenho a certeza de saber fazer descolar este foguetão...

Romeu – Três minutos para o impacto. Temos de esperar...

Pausa.

Julieta – Como diabo é que chegámos a esta situação?

Romeu – Acho que já fizeste essa pergunta. Eu disse que não sabia e tu respondeste que não era bem uma pergunta.

Julieta – Como é possível não termos conseguido impedir isto? Essa é que é a verdadeira pergunta...

Romeu – Houve muitas tentativas. E, no entanto, a cada passo aproximávamo-nos mais deste fim do mundo anunciado.

Julieta – De cada vez, as medidas tomadas revelavam-se insuficientes. Meias medidas destinadas a resolver problemas que, entretanto, se agravavam.

Romeu – Quando eram realmente aplicadas. Os governos de todos os países faziam batota.

Julieta – Diziam que tinham outras preocupações mais urgentes.

Romeu – Como manter o crescimento económico.

Julieta – Alimentar o planeta.

Romeu – Não desagradar demasiado aos eleitores.

Julieta – Até ao dia em que acabaram com as eleições.

Romeu – Acho que o princípio do fim foi quando Donald Trump chegou ao poder. Lembras-te?

Julieta – Eu ainda nem tinha nascido... Mas sim, contaram-me.

Romeu – A partir daí é que tudo começou a correr mesmo mal.

Julieta – Quando uma maioria de idiotas elege o maior idiota de todos para a governar, não se pode esperar grande coisa.

Romeu – Depois, tudo aconteceu muito depressa. A guerra nuclear entre a Índia e o Paquistão, que desencadeou a Terceira Guerra Mundial... Os fundamentalismos religiosos... As ditaduras... Os genocídios. As fomes. A aceleração do aquecimento global. A subida do nível do mar...

Julieta – E depois tornou-se tudo irreversível.

Romeu – Nem sei bem quem lançou este último programa, que talvez hoje nos salve a vida.

Julieta – Acho que já ninguém se lembrava dele. E talvez seja precisamente por isso que, por milagre, chegámos até aqui.

Romeu – De início, era suposto reconstruir uma espécie de arca de Noé. No fim, só cá estamos nós.

Julieta – Tudo isto é tão absurdo... Que desperdício imenso. Ainda valerá a pena? Dá-me vontade de chorar...

Romeu também parece emocionado, pela primeira vez, e faz um gesto para consolar Julieta.

Romeu – Vá lá... Enquanto há vida, há esperança.

Julieta (*segurando as lágrimas*) – É incrível como, em certas circunstâncias, estas frases feitas tão estúpidas ganham subitamente todo o sentido...

Romeu – Tenho mais, se quiseres...

Julieta – Como quais?

Romeu – É depois da feira que se contam as bostas.

Julieta – Essa vais ter de me explicar...

Romeu – Quer dizer que...

Julieta – Não, mas não agora. Agora temos de salvar a humanidade.

Romeu – Está bem.

Julieta recompõe-se.

Julieta – Obrigada... Afinal, também tu és um filósofo, Romeu. Só foi preciso esperar pelo momento certo para que toda a gente se apercebesse.

Ouve-se um estrondo surdo.

Romeu – O míssil já atingiu o alvo. O que mostram os instrumentos?

Julieta observa o ecrã.

Julieta – A camada de destroços ficou um pouco mais fina no local da explosão. Mas continua lá. Espero que chegue.

Romeu – Temos de descolar imediatamente. Não há alternativa.

Adão e Eva regressam.

Julieta – Ah, aí vêm Adão e Eva... *(Com ironia.)* Então? Dormiram bem?

Adão – Acordei com o estrondo de uma explosão. O que se passou?

Julieta – Não sei...

Adão – Não me tomes por parvo.

Romeu – Lancei um míssil para abrir passagem através dos destroços que flutuam à superfície.

Eva – Um míssil?

Adão – Não sabia que estávamos a bordo de um navio de guerra...

Romeu – As caravelas de Cristóvão Colombo também tinham canhões.

Adão – Portanto, também nos escondeste isso.

Julieta – Eu não sabia, juro.

Adão – Oponho-me a esta partida. Recuso que uma nova humanidade comece por massacrar os habitantes do Y214. Porque imagino que também sabes que esse planeta já é habitado.

Silêncio embaraçado.

Julieta – Romeu? Que mais sabes que ainda não nos contaste?

Romeu – Um planeta habitável tem necessariamente habitantes. A natureza tem horror ao vazio. Não sabemos até que ponto essa civilização se desenvolveu, mas sim... há qualquer coisa.

Eva – Isso muda tudo.

Romeu – Para mim não muda nada.

Eva – Para mim muda.

Adão – Já não estamos simplesmente a procurar refúgio para a humanidade. Vamos colonizar um novo mundo, submetendo ou exterminando as populações que lá vivem.

Romeu – E o que tencionas fazer para impedir isso?

Adão – Podia matar-te.

Romeu – Mas não vais fazê-lo.

Adão hesita.

Adão – Proponho-te um acordo.

Romeu – Ora essa...

Adão – Não me oponho à partida. Já que é isso que vocês os três querem, aceito que partam. Até aceito ir convosco e fazer tudo para que a viagem corra bem.

Romeu – Mas...

Adão – Mas exijo que dispares todos os mísseis antes de partirmos.

Eva – Eu também. Se sobrevivermos, recuso que seja à custa de outro massacre.

Julieta – Concordo. Não podemos reconstruir uma civilização sobre as ruínas de outra que destruímos para ocupar o lugar dela.

Eva – Tentaremos entender-nos com os habitantes. Caso contrário, seremos nós a morrer.

Romeu parece hesitar.

Romeu – Está bem.

Adão – Então lança-os já.

Romeu – Está bem. Vamos ao fogo de artifício final. De qualquer maneira, temos de abrir uma passagem por aqueles destroços. O primeiro míssil não chegou.

Romeu manipula os comandos.

Eva – Que destroços?

Julieta – Depois explico-te...

Romeu – Impacto daqui a dez segundos. Estou a melhorar...

Silêncio de morte. Ouvem-se estrondos distantes.

Julieta – Então?

Romeu – Acho que agora temos passagem.

Julieta – Perfeito... Descolagem daqui a quatro minutos e vinte e um segundos.

Adão – Ainda não acabámos.

Romeu – Que é agora?

Adão – Não me importo que sobrevivamos os quatro.

Romeu – Muito generoso da tua parte.

Adão – Desde que a humanidade desapareça connosco.

Romeu – Ora essa... E que propões?

Adão tira um frasco e entrega-o a Romeu.

Adão – Esterilização química definitiva.

Romeu – Estás a brincar?

Adão – Sou médico, como sabem. Este produto foi desenvolvido para limitar a natalidade na Índia. Não dói absolutamente nada e é cem por cento eficaz.

Julieta – Não tem graça, Adão.

Adão – Não é uma brincadeira.

Eva – Isso já é ir longe demais.

Adão – Sempre achei que a humanidade não merecia existir. Hoje a sua sobrevivência depende de mim. Não vou desperdiçar esta oportunidade única de pôr fim à espécie humana.

Romeu – Não arranjaste nada melhor?

Adão – Não me contento com uma promessa. Sou médico. Posso esterilizar-me a mim e ao Romeu.

Romeu – Então queres castrar-me? Julgas-te veterinário e a mim um cão?

Julieta – Ele acha que é Deus. Sempre foi esse o problema.

Adão – Falei de esterilização, não de castração... Continuarás a ser um homem. Não te preocupes.

Romeu – Que bondade a sua...

Eva – Enlouqueceste, Adão. Como te passou pela cabeça semelhante horror?

Julieta – Não, Adão. Não aceitamos viver para sermos os últimos sobreviventes da nossa espécie. Se tiver de acontecer, acontecerá. Mas não podemos escolhê-lo. Pelo menos eu não. Sim, a humanidade é capaz do melhor e do pior. Chama-se a isso liberdade. E ainda não encontramos nada melhor do que a liberdade para fazer com que a vida valha a pena. Preferias que fôssemos governados apenas pelos instintos, como os animais? Que fôssemos todos perfeitos, como só os robôs podem ser? Sim, se a humanidade sobreviver, voltará sem dúvida a cometer os mesmos erros. As mesmas atrocidades.

Adão – Até Auschwitz?

Eva – Talvez Auschwitz... Talvez não. Chama-se livre-arbítrio. É o que nos torna humanos.

Adão – Podemos escolher entre fazer da Terra um paraíso ou um inferno. E o que fizemos?

Romeu tira uma pistola de aspeto futurista.

Romeu – Já chega.

Julieta – Onde arranjaste essa arma?

Romeu – Queres morrer? Posso fazer-te esse favor. Mas não nos vais impedir de viver.

Adão – Tens a certeza de que sabes usar isso? Cuidado, ainda te magoas...

Julieta – Ele não está a brincar, Adão. Sabe usar uma arma e já a usou para eliminar quem se metia no seu caminho. Pertenceu à polícia militar.

Adão – Um polícia... Devia ter adivinhado.

Romeu aponta a pistola a Adão.

Eva – Não dispares! Ele está louco, mas não merece morrer. E, se o matares, não serás melhor do que ele.

Julieta – Vais matá-lo e depois? Vais matar-nos também?

Eva – Quando fores o último representante da espécie humana no universo e já não houver ninguém que te contradiga, achas que ficarás melhor?

Julieta – Não podemos dispensá-lo, Romeu. Não podemos dispensar ninguém. Dois casais são o mínimo para termos esperança de salvar a espécie humana.

Eva – E até para conseguirmos sobreviver num ambiente tão difícil. Achas que somos assim tantos?

Julieta – Lembro-te de que ele é médico. Talvez te arrependas de o matar no dia em que te magoares ou adoeceres.

Romeu parece hesitar.

Romeu – Tens sorte em ter este clube de fãs... Ata-o.

Julieta aproxima-se para o amarrar.

Julieta – Desculpa, mas não nos deixas alternativa.

Romeu – Seja como for, temos de nos despachar. Como vai a contagem decrescente?

Aproveitando um momento de distração, Adão atira-se a Romeu e, após uma breve luta, consegue tirar-lhe a pistola, com que passa a apontar aos outros.

Adão – Interrompe imediatamente o protocolo de lançamento. Não vamos a lado nenhum.

Julieta manipula os comandos.

Julieta – Procedimento interrompido.

Adão aponta a arma a Romeu.

Eva – Não dispares!

Adão – Dá-me uma boa razão para não disparar!

Eva – Estou grávida.

Adão, que olhava para Romeu, volta-se para Eva.

Adão – Dele?

Eva – Não, dele não! Imaginas-me a ir para a cama com este idiota?

Romeu – Obrigado...

Adão – De mim?

Eva – Acabei de ir para a cama contigo! Como é que podia já saber que estou grávida de ti? Tens a certeza de que és mesmo médico?

Romeu – Olha só... Ele queria esterilizar-me e já engravidou metade da tripulação...

Adão – Então de quem é o bebé?

Eva – Do meu marido, simplesmente. Era ele quem devia viajar comigo. Morreu há três semanas. Foste tu quem o substituiu...

Romeu – Mas quando dizes que ele o substituiu, queres dizer...?

Eva – Cala-te, senão juro que sou eu quem te mata.

Romeu percebe que a ameaça é séria. Adão está perturbado.

Romeu – Há quanto tempo sabes?

Eva – Há um mês. Dadas as circunstâncias, achei que não era necessário dizer-vos.

Julieta – É um sinal, Adão. Vais condenar esta criança ou dar-lhe uma oportunidade de viver? Tu és médico...

Adão hesita, baixa a pistola e pousa-a.

Adão – Está bem. Vou colaborar... Afinal de contas, temos tão poucas hipóteses de sobreviver, mesmo unindo forças...

Julieta – Vou reiniciar o protocolo.

Eva – Vou para a cabina de cima.

Adão – Eu acompanho-te.

Saem. Romeu e Julieta retomam os preparativos da descolagem.

Romeu – Portanto, Adão e Eva formam um casal. Estava escrito.

Julieta – Sim. Mas a Eva já está grávida, e o pai não é o Adão. Não é muito católico, tudo isto...

Romeu – Jesus também não era filho de José.

Julieta – E pensar que estes dois passaram o tempo todo a dar-nos lições de moral...

Romeu – Bem, agora também nós não temos alternativa... Quero dizer, nós os dois...

Julieta – É a pior declaração de amor que alguma vez ouvi.

Romeu – Romeu e Julieta... Está visto que fomos feitos um para o outro.

Julieta – Mas, se bem me lembro, a história de Romeu e Julieta não acaba propriamente bem...

Romeu – Ah, sim? Olha para a nossa situação...

Julieta – Tens razão... Uma história que começa tão mal como a nossa pode acabar ainda pior?

Escuro.

ATO III

Romeu, Julieta, Adão e Eva encontram-se nos seus postos, concentrados nos preparativos da descolagem.

Romeu – Desta vez está tudo pronto. É o momento da verdade.

Eva – Trinta segundos para a descolagem.

Efeitos de luz e som assinalam a ignição.

Julieta – Os quatro motores estão ligados.

Romeu – Todos os indicadores estão verdes.

Eva – Aqui vamos nós.

Adão – O foguetão saiu do silo.

Julieta – Estamos a acelerar.

Eva – Estamos a menos de cem metros da superfície.

Julieta – Vamos atravessar a camada de destroços que ainda flutua por cima de nós. Isto vai abanar um pouco...

Novas vibrações.

Romeu – Ultrapassámos o obstáculo. Estamos na atmosfera terrestre!

Julieta – Espero que a estrutura não tenha sofrido demasiado e que a cabina esteja intacta.

Adão – Todos os parâmetros estão corretos. Estamos a ganhar altitude.

Eva – Estamos a mil e quinhentos metros de altitude.

Julieta – Estamos a sair da atmosfera terrestre.

Um momento de emoção. Trocam olhares de alívio e gravidade.

Adão – Olhem bem para o planeta que estamos a deixar. Transformámos a Terra num cemitério gigantesco. É a última vez que a vemos.

Eva – E os nossos filhos nunca a verão.

Julieta – Não durante centenas de gerações, pelo menos. Não até os humanos, se sobreviverem, conseguirem construir de novo uma máquina destas.

Romeu – Para isso será preciso reconstruir uma civilização. Uma indústria.

Eva – E teremos de garantir que essa nova revolução industrial não nos conduza ao mesmo precipício.

Romeu – Já escapámos à atração terrestre. Vou ligar a gravidade artificial.

Julieta – A Terra já está muito longe. Vamos contornar a Lua.

Eva – O destino da humanidade está nas nossas mãos.

Adão – Para o melhor e para o pior. Cabe-nos escolher.

Até Romeu parece comovido. Aproxima-se de Adão e estende-lhe a mão.

Romeu – Sem rancores, doutor.

Adão aceita apertar-lhe a mão.

Adão – Podes contar comigo.

Eva – Não temos escolha. Vamos ter de nos entender.

Romeu – Sei bem a responsabilidade que temos. Eu também perdi toda a minha família. Os meus amigos...

Adão – Teremos de contar tudo isto num livro, para as gerações futuras, para evitar que repitam os mesmos erros.

Julieta – Mas será que vão acreditar em nós?

Eva – No fundo, tudo o que nos está a acontecer já estava escrito na Bíblia. O Dilúvio, a Arca de Noé...

Julieta – Pensámos que eram apenas histórias para adormecer crianças...

Eva – Mesmo sem acreditarmos em Deus, devíamos ter percebido o significado simbólico deste livro que vem do princípio dos tempos.

Adão – Como conseguir que a nossa mensagem chegue intacta àqueles que vierem depois de nós, daqui a milhares ou milhões de anos?

Romeu – Não sei.

Julieta regressa à consola.

Julieta – Liguei o piloto automático.

Romeu – Consegui salvar uma garrafa de champanhe russo.

Julieta lança-lhe um olhar reprovador.

Julieta – Achas mesmo que temos alguma coisa para festejar?

Romeu – Tens razão. Abrimo-la quando chegarmos.

Eva – Agora temos de ir para as câmaras de hibernação, para pouparmos as reservas de oxigénio. Vamos precisar delas quando chegarmos.

Adão – Se algum dia acordarmos. Podem acontecer muitas coisas numa viagem de milhares de anos, numa nave à velocidade da luz.

Julieta – E, se acordarmos, resta saber se será no paraíso ou no inferno...

Eva – Até lá, o computador de bordo tratará de qualquer problema que surja e tomará as decisões por nós.

Adão – Esperemos que ele, pelo menos, não se engane.

Julieta – Então chegou a hora de nos despedirmos.

Eva – Ou de dizermos adeus para sempre...

Abraçam-se.

Adão – Boa sorte.

Eva – E que Deus nos proteja.

Adão – Não acredito em Deus. Mas espero que Ele acredite em nós.

Julieta – Não tardaremos a sabê-lo.

Adão – Então até... daqui a dezasseis mil anos. Talvez...

Escuro.

ATO IV

Adão e Eva acordam lentamente do seu sono.

Eva – Adão?

Adão – Eva?

Eva – Estás bem?

Adão – Parece que sim.

Eva – Pelo menos continuamos vivos.

Adão – Sim... Pelos vistos...

Eva – É estranho. Sinto-me lindamente.

Adão – Eu também. Nunca me senti tão bem.

Eva – Talvez não tenha funcionado...

Adão – O quê?

Eva – A hibernação. Quanto tempo dormimos?

Adão – Não sei... Tenho a impressão de ter dormido uma hora.

Eva olha para um mostrador.

Eva – Dormimos exatamente... dezasseis mil duzentos e catorze anos, sete meses, três semanas, dois dias e uma hora.

Adão – Ah... é bastante tempo, de facto.

Eva – A isto chama-se dormir até tarde.

Adão – Eu não te perguntei que dia era.

Eva – Na Terra seria sexta-feira.

Adão – Mas isso já não significa absolutamente nada.

Eva – O nosso planeta natal está a milhares de anos-luz. E, provavelmente, já não há vida à sua superfície.

Adão – Já chegámos?

Eva – Ainda não. O computador de bordo devia acordar-nos ao aproximarmo-nos do novo sistema solar, vinte e quatro horas antes da entrada na atmosfera do Y214.

Adão – E os outros dois?

Eva – Pelos vistos continuam a dormir.

Adão – Era uma boa ocasião para nos livrarmos dele. *(Eva lança-lhe um olhar reprovador.)* Estou a brincar.

Eva – Vamos esperar mais um pouco. A criogenia é um processo delicado. Não convém apressar as coisas.

Adão – E o teu bebé? Também se está a mexer?

Eva – Era apenas um embrião quando congelámos a mãe, há dezasseis mil anos. Ainda vai demorar até começar a dar pontapés.

Adão – A gestação mais longa da história da humanidade... Como lhe vamos chamar?

Eva – Caim é que não. Mas primeiro temos de encontrar um lugar onde ele possa viver.

Adão – Y214... Também vamos precisar de um nome para o nosso novo planeta...

Eva – Seja como for, é um momento extraordinário. Pela primeira vez, os seres humanos vão entrar em contacto com uma forma de vida completamente desconhecida.

Adão – É emocionante, sem dúvida. E um pouco assustador...

Eva – Sinto-me como Cristóvão Colombo poucas horas antes de chegar à América.

Adão – Mas a América ficava no mesmo planeta.

Eva – Será que vamos conseguir adaptar-nos?

Adão – E será que o planeta e os seus possíveis habitantes vão conseguir adaptar-se a nós? Nem que seja por causa dos vírus que levamos connosco.

Eva – Em breve saberemos.

Adão – Podia ter sido um acontecimento maravilhoso. Mas foi preciso a humanidade destruir-se para chegarmos até aqui.

Eva – Estamos a aproximar-nos do primeiro planeta deste sistema solar. Aparentemente é completamente inabitável: demasiado longe da sua estrela.

Adão – Tudo aponta para que o Y214 seja habitável. A atmosfera e a gravidade são muito parecidas com as da Terra. A gravidade é um pouco menor, mas a diferença é mínima.

Eva – Como perder uns quilos sem fazer dieta... Basta mudar de planeta.

Adão faz-lhe uma carícia terna.

Adão – Estás ótima assim. Dezasseis mil anos e nem uma ruga...

Eva – Obrigada...

Beijam-se.

Adão – Talvez devêssemos acordá-los.

Eva – Vai lá... Eu fico a vigiar a navegação. Estamos a chegar ao destino... Isto se o computador não nos perdeu pelo caminho. O sistema de localização está avariado neste momento...

Adão aproxima-se da cápsula de Julieta.

Adão – Sinto-me como se fosse acordar a Bela Adormecida.

Eva – Proíbo-te de a beijar...

Inclina-se sobre a cápsula.

Adão – Não...

Eva – O quê?

Adão – Não está ninguém na cápsula.

Eva – Não pode ser...

Eva aproxima-se da cápsula onde Romeu devia estar a dormir.

Eva – Aqui também não está ninguém...

Adão – Já acordaram?

Eva – Talvez estejam na cabina de cima...

Adão – Vou lá ver.

Eva – Não me deixes aqui sozinha muito tempo. Isto está a tornar-se assustador. Não queres que vá contigo?

Adão – Alguém tem de ficar aos comandos.

Adão sai. Eva volta aos comandos. Parece primeiro surpreendida, depois preocupada, e verifica vários instrumentos.

Eva – Merda...

Adão regressa algum tempo depois, com um ar abatido.

Eva – Então?

Adão – Sim, estão lá em cima...

Eva – Mas...?

Adão – Estão mortos.

Eva – Mortos? Diz-me que não tiveste nada a ver com isso.

Adão – Não tive nada a ver com isso.

Pausa.

Eva – Mas como é que morreram? E há quanto tempo?

Adão – Não sei exatamente. Há muito tempo, pelo aspeto... Prefiro poupar-te aos pormenores.

Eva – Que terá acontecido?

Adão – Não sei. Alguma coisa correu mal com a hibernação. O processo deve ter sido interrompido por acidente. Provavelmente acordaram quando a nave ia a meio da viagem.

Eva – Impossível voltar para trás... E tempo de mais para conseguirem chegar vivos ao destino.

Adão – Sobreviveram algum tempo, alguns meses ou alguns anos, e depois morreram.

Eva – Não conseguiram voltar a hibernar. Morreram de velhice.

Adão – É de loucos... Podiam ter-nos acordado. Podiam ter-nos matado. Só restavam duas cápsulas a funcionar.

Eva – Podiam ter-nos sacrificado para ocupar os nossos lugares.

Adão – Mas não o fizeram. Deixaram-nos dormir durante dezasseis mil anos.

Eva – Vês? Os seres humanos também são capazes do melhor.

Adão – Sim... A não ser que tenha sido ela a impedi-lo.

Eva – Nunca saberemos ao certo o que aconteceu.

Adão – Pelo menos espero que encontremos terra onde os possamos enterrar.

Pausa.

Eva – Agora sim, estamos sozinhos no universo... Nós os dois e esta criança que trago dentro de mim.

Adão – Ainda bem que não sou o pai. Se tivermos outro filho e contarmos com os dois para perpetuar a espécie, pelo menos só será meio incesto.

Eva – A estas alturas, isso já pouco importa.

Adão – A Bíblia não era tão exigente nessas questões... Para perpetuar a espécie, os filhos de Adão e Eva não tiveram de casar uns com os outros?

Eva continua a observar os instrumentos.

Eva – Há qualquer coisa que não percebo.

Adão – O quê?

Eva – Não estamos onde devíamos estar.

Adão – Então onde estamos?

Eva – Os instrumentos de navegação deixaram de funcionar. Quase não temos energia. Não consigo saber onde estamos.

Adão – Nem para onde vamos...

Eva – Então que fazemos?

Adão – Esperamos. O piloto automático ainda funciona. Veremos aonde nos leva.

Eva – Espero que saiba o que está a fazer...

Escuro.

ATO V

Adão e Eva estão nos seus postos de comando. Concentram-se nos instrumentos, visivelmente preocupados.

Eva – Acabámos de entrar na atmosfera deste planeta desconhecido. Já estamos sob a sua atração gravitacional.

Adão – Embora a maior parte dos instrumentos continue avariada, a aterragem automática parece estar a decorrer normalmente.

Eva – Consegui reparar um dos painéis solares. As baterias estão a recarregar. Não devemos tardar a receber informações.

Adão – Ainda bem, porque o solo está a aproximar-se depressa.

Eva – Se aterrarmos num planeta morto, é o nosso fim. Já não temos combustível para ir a outro lado. Este planeta será o nosso refúgio ou o nosso túmulo.

Adão – Espero que seja mesmo o Y214...

Eva – Seria um milagre se o computador tivesse encontrado outro planeta habitável.

Adão – Estamos a dez mil metros da superfície. Já começamos a distinguir algumas coisas a olho nu.

Eva – Parece um oceano imenso, com algumas porções de terra.

Adão – Resta saber se esse oceano é feito de água, se a atmosfera é respirável e se estas terras são habitáveis.

Eva – Habitável para seres humanos como nós, queres tu dizer. Pode existir aqui uma forma de vida adaptada a este ambiente, embora ele seja completamente inabitável para organismos como os nossos.

Adão – Veem-se algumas manchas de cor. Sobretudo verde.

Eva – Vegetação?

Adão – Talvez. Se houver vegetação, também pode haver animais.

Eva – Talvez até seres inteligentes.

Adão – Quando dizes inteligentes, queres dizer uma espécie como a nossa, capaz de destruir o seu planeta natal em poucos séculos?

Eva – Digamos, então, seres dotados de razão.

Adão – Já começamos a distinguir os pormenores.

Eva – Sim, é isso. Um oceano imenso, salpicado de ilhas com uma vegetação luxuriante.

Adão – Não se vê qualquer sinal de civilização...

Eva observa um ecrã.

Eva – Pronto, as baterias já têm carga suficiente. O computador de bordo começou a transmitir dados.

Adão – Então?

Eva – É extraordinário como este planeta se parece com a Terra.

Adão observa o ecrã por cima do ombro de Eva.

Adão – Tem exatamente as mesmas características.

Eva – Sim... Noventa e nove por cento de compatibilidade. É incrível...

Adão – Há algum problema?

Eva – Mais ou menos...

Adão – O quê?

Eva – O computador finalmente conseguiu localizar-nos.

Adão – E então?

Eva – Não estamos onde devíamos estar.

Adão – Não estamos no Y214?

Eva – Enquanto dormíamos, o computador deve ter concluído que o planeta para onde íamos afinal não era habitável. E alterou o plano de voo.

Adão – Ou foram eles...

Eva – Eles?

Adão – O Romeu e a Julieta... Perceberam que a viagem nos estava a conduzir à morte e mudaram a rota.

Eva – Nesse caso, decidiram voltar para trás.

Adão – Voltar?

Eva – Este é o nosso sistema solar. O planeta por que passámos era Neptuno. E o nosso destino é a Terra.

Adão – A Terra?

Eva – Vamos aterrar dentro de minutos. Depois de uma viagem de dezasseis mil anos pela galáxia.

Adão – Tanto esforço para isto... Afinal voltámos para morrer no planeta onde nascemos...

Eva – Não tenho tanta certeza...

Adão – Do quê?

Eva – Segundo os dados que estou a receber, durante estes dezasseis mil anos o planeta voltou a tornar-se habitável.

Adão – A Terra já não é apenas um vasto oceano. Distinguem-se claramente algumas ilhas.

Eva – As calotas polares voltaram a formar-se, pelo menos em parte.

Adão – Qual é a temperatura à superfície?

Eva – Ainda oitenta graus perto do equador, mas mais amena noutros locais... Cerca de vinte graus na ilha onde o computador decidiu que íamos aterrar.

Adão – O oceano já não está a ferver.

Eva – O planeta é habitável. Pelo menos em parte...

Adão – Habitável... mas já não habitado.

Eva – Não... Pelo menos não há sinais de seres humanos...

Adão – Talvez alguns animais.

Eva – Peixes, provavelmente. Algumas espécies poderão ter sobrevivido a grandes profundidades e, pouco a pouco, voltar a tornar-se anfíbias.

Adão e Eva olham juntos pela vigia imaginária, na direção do público.

Adão – Vamos ter de recomeçar tudo.

Eva – E tentar não cometer os mesmos erros...

Adão – Vejo o sítio onde vamos aterrar. Até se distingue uma palmeira.

Eva – Tens a certeza de que não é uma macieira?

Ouve-se um estrondo e acende-se uma luz de alarme.

Adão – O que foi isto?

Eva – O piloto automático deixou de responder. Vou passar ao comando manual.

Adão – Vamos tentar uma aterragem suave.

Ambos se ocupam dos comandos. Ouve-se outro estrondo, seguido de um novo sinal de alarme.

Eva – O que se passa?

Adão – Os comandos manuais também não respondem.

Eva – A Arca está fora de controlo. A trajetória está a mudar. Se não saltarmos agora, vamos cair no meio do oceano...

Adão – A nave não vai resistir ao impacto.

Eva – Na melhor das hipóteses, ficaremos à deriva no meio do oceano, sem maneira de chegar à costa.

Adão – Então que fazemos?

Eva – Temos de saltar. Vamos aterrar de paraquedas.

Adão – Então adeus aos últimos vestígios da civilização anterior. Vamos chegar à Terra praticamente em pelota.

Eva – Quase como Adão e Eva...

Levantam-se, colocam os paraquedas e aproximam-se da frente do palco, como se fossem saltar para o vazio. Dão as mãos.

Adão – Bem-vinda ao Jardim do Éden. Pronta para reinventar a humanidade comigo?

Eva – Se sairmos vivos desta, cabe-nos decidir se fazemos desta terra um inferno ou um paraíso.

Dão mais um passo em frente e ficam imóveis.

Adão – Vamos?

Eva – Vamos!

Escuro.

Flash-back de dezasseis mil anos (facultativo)

Romeu e Julieta acordam lentamente nas respetivas câmaras de hibernação.

Romeu – Já?

Julieta – Era suposto hibernarmos durante dezasseis mil anos...

Romeu – Parece que só dormi uma ou duas horas.

Julieta consulta um relógio digital.

Julieta – Dormimos apenas três horas...

Romeu – Não pode ser!

Julieta examina o ecrã da sua cápsula.

Julieta – Alguém alterou a programação que eu tinha feito...

Romeu – O Adão?

Julieta – Quem mais podia ter sido...?

Romeu – Aquele filho da mãe... E continua a dormir.

Julieta – A Eva também... *(Olha para o ecrã da cápsula.)* Vão dormir durante dezasseis mil anos.

Romeu dirige-se à cápsula de Adão.

Romeu – Só se eu não os arrancar à força destes frigoríficos!

Julieta detém-no com um gesto.

Julieta – Espera um instante...

Romeu – Que propões?

Julieta – Estou a pensar...

Romeu – Basta voltarmos a programar as nossas cápsulas.

Julieta – Infelizmente, isso não é possível.

Romeu – Porquê?

Julieta – Estas cápsulas só podem ser usadas uma vez.

Romeu – E se ocupássemos as deles?

Julieta – Tirar-lhes-íamos qualquer hipótese de chegar vivos à nova Terra. E nem isso nos salvaria.

Romeu – Então estamos condenados...?

Julieta – Já te disse: estas cápsulas foram concebidas para uma única operação criogénica. Se os acordarmos, condenamo-los à morte, tal como nós. Mas não poderemos ocupar os seus lugares.

Romeu – Maldito seja... Queria acabar com a espécie humana. E afinal conseguiu...

Julieta – Não, se eles sobreviverem.

Romeu – Acredita, não vão durar muito.

Julieta – Mas, se os condenares, condenas toda a humanidade!

Romeu – Não percebo... Porque é que ele fez isto?

Julieta – Porque é um demónio. Assim não terá matado ninguém com as próprias mãos. Espera obrigar-nos a tornarmo-nos assassinos. Pôs o destino da humanidade nas nossas mãos.

Romeu – E o que vai ser de nós?

Julieta – Não podemos voltar para a Terra. Lá já não nos espera nada.

Romeu – E o nosso destino ainda fica a dezasseis mil anos-luz...

Julieta – Só temos oxigénio e comida para algumas semanas... Era suposto hibernarmos os quatro.

Romeu – Vou matá-lo...

Julieta apodera-se da pistola.

Julieta – Não. Sou eu que tenho de te matar.

Aponta-lhe a arma.

Romeu – Mas... porquê?

Julieta – Para que os outros dois possam viver. E para que, com eles, a humanidade tenha uma hipótese de sobreviver. Apesar de tudo...

Romeu – Por favor, não faças isso.

Julieta dispara. Romeu cai no chão. Julieta aproxima-se da vigia e contempla as estrelas, de frente para o público. Música.

Escuro.

FIM

O autor

Nascido em 1955 em Auvers-sur-Oise (França), Jean-Pierre Martinez começou como baterista em diversas bandas de rock, antes de se tornar semiologista publicitário. Foi depois argumentista de televisão e regressou ao palco como dramaturgo.

Escreveu cerca de uma centena de guiões para televisão e cerca de 120 comédias para teatro, algumas das quais já se tornaram clássicas (*Sexta-feira 13* ou *Strip Poker*). É hoje um dos autores contemporâneos mais representados em França e nos países francófonos. Além disso, várias das suas peças, traduzidas para espanhol e inglês, estão regularmente em cartaz nos Estados Unidos e na América Latina.

No entanto, os direitos de representação, que constituem uma remuneração justa pelo trabalho do autor, são uma obrigação legal. Quer se trate de uma companhia amadora ou profissional, é necessário solicitar autorização para representar a peça e pagar os respetivos direitos de autor relativos à produção.

Jean-Pierre Martinez é representado pela Sociedade Francesa de Autores (SACD).

Para entrar em contacto com Jean-Pierre Martinez e solicitar autorização para representar uma das suas obras, utilize o formulário de contacto disponível nos seus sites :

<https://jeanpierremartinez.net/>
<https://comediatheque.net/>

Depois de ter iniciado o seu percurso como baterista, Jean-Pierre Martinez regressou recentemente à música, criando canções originais inspiradas nos seus poemas e nas suas peças de teatro.

Com Jean-Pierre Martinez Music, prolonga esse universo sob a forma de canções originais: narrativas breves, humorísticas ou melancólicas, nas quais a canção se torna, por vezes, uma pequena cena teatral.

<https://jeanpierremartinezmusic.com/>

Peças de teatro do mesmo autor, traduzidas em português

Monólogos

Como um peixe no ar
Happy Dogs

Comédias para 2

A Corda
A janela da frente
Arrependimento
Cara ou coroa
Cuidado frágil
Ela e Ele
Encontro na plataforma
EuroStar
Há um piloto a bordo ?
Nem sequer morto
No fim da linha
O Joker
O Roupão
Os Náufragos do Costa Mucho
Preliminares
Réveillon na morgue
Roleta russa no Kremlin
Um Sonho de Casa
Uma Vocação Frustrada

Comédias para 3

Cartas na mesa
Coisas do Acaso
Crash Zone
Cuidado frágil
Horizontes
Ménage à trois
Plágio
Por debaixo da mesa
Sexta-Feira 13
Um breve instante de eternidade
Um pequeno assassinato sem
consequências
Um pequeno passo para uma
mulher, um salto no vazio para a
Humanidade...

Comédias para 4

Apenas um instante antes do fim do
mundo
As Pirâmides
Cama e Café
Crise e castigo
De volta aos palcos
Déjà vu
Denominação de Origem não
Controlada
Depois de nós, o dilúvio!
Despedida de Casados
Gay friendly
Há algum crítico na sala?
Há um autor na sala?
Happy Hour
O amor é cego
O aquário
O cheiro do dinheiro
O contrato
O cuco
O genro perfeito
Os nossos piores amigos
Os Sogros Ideais
Os Turistas
Quarentena
Quatro estrelas
Réquiem por um Stradivarius
Ressaca
Retrato de família
Sexta-feira 13
Strip Poker
Um caixão para dois
Um casamento em cada dois
Um esqueleto no armário
Um Sonho de Casa
Uma noite infernal

Comédias para 5 ou 6

Bem está o que mal começa
Crise e Castigo
Engarrafamento no Caminho do
Cemitério
Era uma vez na web
Flagrante delírio
Happy Hour
O Rei dos idiotas
O Sorteio do Presidente
Os Náufragos do Réveillon
Os Rebeldes
Prognóstico reservado
Réveillon na esquadra
Sem flores nem coroas
Um Boulevard Sem Saída

Comédias para 7 ou mais

A Aldeia Mais Bonita de França
A pior aldeia de Portugal
A representação não está cancelada
Batas brancas e humor negro
Bem-vindos a bordo!
Como um filme de Natal...
Corações Abertos
Crise e Castigo
De legumes e livros
Dedicatória Especial
Erro da funerária a teu favor
Fora de jogo
Jogo de Escape
Milagre no convento de Santa
Maria-Joana
Nem sempre a música amansa as
feras...
Nicotina
O Jackpot
O reverso do cenário
O Sorteio do Presidente
Os Flamingos azuis
Pré-histórias Grotescas
Reality Show
Réveillon na esquadra
Um Sonho de Casa
Uma aldeia tão bonita
Uma herança pesada
Xeque-Mate

Sketches

A ratos
Albano e Eva
Apocalipse
Aviso de passagem
Breves de confinamento
Breves de palco
Breves do jardim
Breves do tempo perdido
Calma!
Cenas de rua
Corações Abertos
De Animais e Homens
De todas as cores
De verdade e de brincadeira
Demasiado é demasiado!
Dramédias
Ela e Ele
Em branco
Entre Bastidores
Histórias insólitas
Matadores de piadas
Memórias de uma mala
Morrer de Rir
Nicotina
O Balcão
Sem Sentido Proibido

Todas as peças de Jean-Pierre Martinez
podem ser descarregadas gratuitamente nos seus sites
<https://comediatheque.net>
<https://jeanpierremartinez.net/>

*Este texto é protegido pelas leis relativas ao direito de propriedade intelectual.
Todas as contrafações são puníveis,
com multa até 300.000 euros e 3 anos de prisão.*

Avinhão – Outubro de 2023
© La Comédiathèque
ISBN 978-2-38602-023-0

Documento para download gratuito